

A PERENE ESSÊNCIA DIVINA E A EFÊMERA OPINIÃO: UMA BREVE APRECIÇÃO DO LIVRO I DE *SOBRE OS MISTÉRIOS*, DE JÂMBLICO DE CÁLCIS

Profa. Dra. Fernanda Lemos de Lima (UERJ/ UFRJ/ FAPERJ¹)

RESUMO:

No presente ensaio, pretendo percorrer alguns argumentos do Livro I de *Sobre os mistérios*, procurando observar os primeiros passos de sua construção argumentativa para o esclarecimento a respeito da teurgia e da maneira como se apresenta o *lógos* em favor de um ordenamento dos “gêneros superiores” e, sobretudo no que diz respeito à concepção da essência divina e da maneira como é possível “conhece-la”.

Palavras-chave: 1. Essência 2. Teurgia 3. Lógos 4. Jâmblico

Em um artigo anterior, busquei oferecer uma apreciação introdutória à obra *Sobre os mistérios*, do filósofo neoplatônico Jâmblico de Cálcis. No referido ensaio, publicado em *Principia* 26, procurei falar da forma do texto, do caráter dialético do mesmo através de sua estruturação em *erotapokríseis*.

No presente ensaio, pretendo percorrer alguns argumentos do Livro I de *Sobre os mistérios*, procurando observar os primeiros passos de sua construção argumentativa para o esclarecimento a respeito da teurgia e da maneira como se apresenta o *lógos* em favor de um ordenamento dos “gêneros superiores” e, sobretudo no que diz respeito à concepção do divino – sua essência – e da maneira como é possível “conhece-lo”. Vale ressaltar o fato de Jâmblico ser considerado um precursor dos estudos teológicos, ao apresentar um texto que define sistematicamente as relações entre os gêneros superiores, dentro de uma “escala” do divino, algo que fica bastante evidente no livro I da obra supracitada. Note-se ainda, o fato de o mestre sírio ser considerado por Smith o primeiro filósofo da religião, cujas reflexões filosóficas buscam uma explicação racional para os processos ritualísticos religiosos².

Além dessa disposição dos chamados “gêneros superiores”, seu texto defende a prática religiosa da teurgia como meio eficaz de contato do humano com o divino. O presente artigo visa justamente abordar aspectos iniciais relativos à problemática da teurgiano discurso de Jâmblico. Para tanto, proponho um percurso para determinar, em termos gerais, o conceito de teurgia.

Muitas vezes, como é possível verificar, autores como Dodds e Bigg³ verão na abordagem jambliqueana, não um texto de caráter filosófico ou filosófico-teúrgico, mas um “manifesto do irracional”⁴ ou um “manual de magia”. Pretendo aqui observar, ao longo da pesquisa⁵ que empreendo, os diversos posicionamentos e buscar perceber, através da leitura do livro I de *Sobre os mistérios*, como a argumentação do pensador de Cálcis envolve tanto filosofia, quanto teologia e teurgia, reavaliando, portanto, a irracionalidade afirmada por Dodds.

A prática teúrgica bem como as concepções filosófico-teológicas do pensador sírio foram alvo de críticas desde sua contemporaneidade. Um dado que deixa evidente tal situação é o fato de *Sobre os mistérios* ser uma resposta às diversas críticas elaboradas por Porfírio. Tem-se, desde a antiguidade tardia, uma oposição entre o pensamento de Plotino e Porfírio no que diz respeito ao posicionamento de Jâmblico. De certo modo, é possível compreender que tal disputa acabe por transcender seu tempo e aflore na crítica que pretende desqualificar o trabalho de Jâmblico.

Entretanto, por outros coetâneos do filósofo ou estudiosos imediatamente posteriores, o sírio foi chamado de “divino” (epíteto atribuído igualmente a Platão), como foi o caso de Proclo Diádoco, filósofo do século V d.C. e um dos últimos diretores da Academia Platônica. Em termos de postura filosófica, para Dodds (1947, p.59), por exemplo, a obra de Jâmblico seria um manifesto do irracionalismo⁶ e traduziria uma busca vã de esperança e um refúgio de uma *intelligentsia* desesperada com as mudanças sociais que se desenhavam naquele momento do Império Romano. A percepção de Dodds pode ser explicada pelo contexto histórico em que Jâmblico se insere e, especialmente, por ele se distanciar do pensamento de Plotino, o filósofo admirado por Dodds.

Não obstante, o valor da obra aqui estudada foi reconhecido de imediato por tantos contemporâneos e por uma série de sucessores de Jâmblico, inclusive pelo Imperador Juliano, conhecido pela alcunha cristã de “o apóstata”. Dentro do projeto de retomada do paganismo como prática religiosa do Império Romano, Juliano elegeu a obra de Jâmblico como livro-guia das práticas teúrgicas pagãs. Esse dado, talvez, reforce a ideia de que o filósofo sírio pendesse para um misticismo em que o *lógos* estivesse ausente, sendo sua obra em tela um livro de reafirmação de práticas religiosas. Mas seria apenas isso? Acredito que não. Especialmente, se pensarmos em sua filiação à filósofos anteriores que, a despeito de estarem muitas vezes ligados às escolas de mistérios, como caso de Pitágoras, são fundadores inegáveis de um *lógos* filosófico.

Posteriormente, no Renascimento Florentino, Marsilio Ficino perceberá a relevância do escrito de Jâmblico e será responsável pela tradução latina do livro que passa a ser conhecido pelo título que ele dá à obra traduzida – *De mysteriis Aegyptiorum, Chaldeorum, Assyriorum*. O título original do texto é *Resposta do mestre Abamon à carta de Porfírio dirigida a Anebo e respostas às dúvidas nela expressas*.

A tradução de Ficino, ao modificar o título da obra, pareceu ressaltar apenas o aspecto religioso voltado para os mistérios orientais, que é extremamente relevante na obra, sem dúvida, mas que não é o tema único da mesma, muito mais complexa em sua ampla abordagem de questões filosóficas, religiosas, éticas e voltadas para a prática devocional chamada teurgia. Notemos que o livro I buscará esclarecer uma das questões propostas por Porfírio e que remete a uma sistematização do divino e que tem um viés teológico-filosófico inegável.

Não parará em Ficino a apreciação da obra, como vimos pelas traduções latinas e pela tradução inglesa da obra no século XIX. Ao contrário, há um revisitar dos parâmetros de apreciação do texto jambliqueano, como é o caso do estudo de Gregory Shaw (1995), *Theurgy and The Soul – The Neoplatonism of Iamblichus*, em que há uma defesa do caráter filosófico da obra de Jâmblico. Além disso, a obra recente *Iamblichus and the Foundation of Late Platonism*⁷ em torno do pensador sírio continuo o processo de releitura da obra de Jâmblico como marco do platonismo tardio.

Seguindo o estudo aqui proposto, passa-se a uma busca de uma definição inicial para o termo teurgia. Para tanto, é preciso percorrer, mesmo que brevemente, a história do conceito anterior ao Neoplatonismo, mais especificamente, uma origem não filosófica em sua base conceitual. O termo teurgia apresenta um verbete mínimo no dicionário Bally, em que é indicado como significado primeiro a ideia de “ato da potência divina”, “milagre”; em uma segunda compreensão, tem-se “teurgia”, “operação mágica”. A definição leva o termo para um campo semântico do divino, do milagre, da mágica, o que estaria bastante distante da argumentação filosófica, em uma abordagem simples.

Dodds (1947, p. 57) ressalta o fato de a palavra teurgia ter sido criada por um mago e não por um neoplatônico, o que, para a presente reflexão, implica em duas hipóteses para a apreciação da problemática do posicionamento da teurgia: a de um conceito que não dialoga bem com o pensamento filosófico e gera reações; ou a absorção e reelaboração do próprio conceito de teurgia, como se observa no estudo já mencionado de Shaw, e que poderá dialogar com a ideia de harmonia apontada por Lambert, como veremos a seguir.

Antes de seguir com esses dois estudos, é interessante ainda observar outro trabalho. Em obra de Uzdavynys⁸, publicado em 2010, observa-se a discussão muito profícua sobre um pré-conceito de alguns estudiosos que ainda se prendem a interpretações da antiguidade e que tiram da prática teúrgica qualquer traço de racionalismo. Entretanto, Uzdavynys lembra o fato de a teurgia operar também um discurso, portanto, guardar algum nível de elaboração racional no próprio *lógos* que é produzido durante sua prática⁹. E, para além disso, aponta algo com o qual entra em perfeita consonância com os estudos de Lambert, Shaw e com a percepção da presente pesquisa a respeito do discurso de Jâmblico: a ideia de que a teurgia, com seu aparato noético não é apenas um apêndice do neoplatonismo, mas sua essência escondida¹⁰.

O problema central que se apresenta e move especialmente a reflexão da pesquisa que venho empreendendo implica no seguinte questionamento: em que medida é possível concordar com as palavras introdutórias do texto de Jâmblico, a saber, a divisão entre a argumentação filosófica, a argumentação teúrgica e a argumentação ética? Realmente há uma divisão clara no texto de Jâmblico que evidencie ora a argumentação filosófica, ora a ética, ora a teúrgica? Haveria a saída da harmonização, brevemente levantada por Lambert:

Finally, there was a methodological principle which applied to all philosophical enquiry and which could not fail to serve the aim of reconciling apparently inconsistent theses. This was Iamblichus' attempt to put some order into the practice of allegorical interpretation. Porphyry, he believed, offered alternative interpretations—whether of features in the cave of the nymphs or features in Egyptian theosophy—which were arbitrary and, more important, unrelated. Philosophical questions should be treated philosophically, theurgical questions theurgically, ethical questions ethically (*De mysteriis*, 1. 2 *ad fin.*; and 1. 4 for physical questions). When questions could fall under more than one of these categories there was immediate opportunity for harmonization. (LAMBERT, 1986, P.127)

Não obstante, tal harmonização implicaria necessariamente em um entrecruzar de argumentos, o que poderia gerar falta de clareza da distinção. Surgem, desta feita, as aporias a serem investigadas.

A aparente falta de clareza na divisão entre os argumentos distintos pelo autor não evidenciaria, em verdade, a inscrição inalienável de seu pensamento teúrgico em uma estrutura argumentativa dialético-filosófica que traz implicações éticas em sua constituição? Isso levaria a se perceber sua argumentação não apenas como teúrgica ou filosófica, mas como filosófico-teúrgica e inscrita em um formato argumentativo dialético de perguntas e respostas, uma compreensão que dialogaria com a harmonização proposta por Lambert.

Essa percepção propõe um estudo que englobe, não apenas a tradução do texto, mas a compreensão de seus argumentos teúrgico-filosóficos, muitas vezes, inscritos na área da teologia, algo passível de observação ao longo da pesquisa.

Voltando o olhar mais detidamente para a argumentação jambliqueana presente no livro I de *Sobre os mistérios*, encontraremos dentre os temas trabalhados nessa parte da obra, uma introdução argumentativa que busca a *capitatio benevolentia* de seu interlocutor através de um apelo para que o mesmo leve em consideração aquilo que é dito, não quem profere os argumentos:

(...) Eu, desse modo então, no que diz respeito ao presente discurso, apresento-me para falar, tu, se possível, supõe que a ti responde de volta aquele mesmo a quem enviaste (a carta); caso a ti pareça ser necessário, considera ser eu que converso contigo por escrito ou um outro profeta dentre os egípcios; pois isso não faz diferença; ou melhor ainda, eu acredito, desconsidere aquele que discursa, seja inferior ou superior, o que é dito observa, se verdade ou mentira é dita, com empenho, atentes ao pensamento. (*Sobre os mistérios*, LI, I)¹¹

É importante perceber a maneira como discurso do pretense autor da resposta à carta de Porfírio procura orientar a compreensão de seu leitor para o pensamento, termo pelo qual traduzo o conceito grego *dediano/ia*. Vale a pena refletir a respeito da escolha do termo ao qual Porfírio deve estar atento: não apenas ao *lógos*, cuja amplitude temática levaria desde a ideia de discurso até a um conceito maior e mais profundo de pensamento metafísico, e que aparece com frequência no texto de Jâmblico, todavia, com o significado mais próximo de “discurso”, mas a *dianóia*, ou seja aquilo que perpassa o *noúse* pode ser compreendido como algo que se revela por ele, ou seja, se revela pela “faculdade de pensar”, pela “espírito”. Há, portanto, um apelo à reflexão, ao pensamento, o que de *per si* já inscreve a argumentação jambliqueana na seara do racional. Para além desse apelo, como foi mencionado anteriormente neste mesmo estudo, há uma espécie de filiação do autor em relação à figuras da história do pensamento grego que, igualmente, remetem ao pensamento lógico, são os mestres do passado aos quais a voz do texto se compara como um mestre que deve responder às questões que foram propostas a seu aluno:

(...) eu considerarei a carta que foi dirigida a Anebo, meu aluno, ter sido escrita para mim, (e) responderei a ti essas (coisas) verdadeiras a respeito das quais inquires. Pois, não seria adequado que Pitágoras, Platão, Demócrito, Eudoxo e muitos outros dentre os antigos helenos tivessem alcançado um ensinamento conveniente (por causa) dos escritos sagrados de seus contemporâneos, e, estando tu junto a nós, tendo o mesmo conhecimento em relação àqueles, que se enganasse a respeito da opinião, de acordo com a orientação dos que vivem agora e que são chamados mestres públicos. (SM. LI, 1)

Ao mesmo tempo em que se coloca como um mestre capaz de ensinar e de corrigir os equívocos de compreensão apresentados por Porfírio, ele busca alinhar sua postura àquela de Platão, Demócrito, Pitágoras e Eudoxo. Portanto, o interlocutor de Porfírio deixa clara sua posição em paralelo a dos filósofos helenos anteriores.

Ainda a respeito do trecho transcrito, é interessante a postura de propor o esclarecimento à Porfírio, sobretudo, por conta dos erros na enunciação das perguntas por ele propostas. Algo evidenciado durante todo o Livro I de *Sobre os mistérios*. No último parágrafo da primeira subdivisão do livro ainda, lê-se:

Além disso, algumas (questões) também, a partir de outras conjecturas insuficientes do discurso serão retiradas, discutiremos outras impróprias, as que foram provocadas a partir de considerações comuns aos homens. As mesmas, assim, cada uma em face de si mesma, serão colocadas de diferentes modos e serão unidas umas às outras de várias maneiras. Assim, por tudo isso, elas têm necessidade de um discurso que (as) guie convenientemente. (S.M, LI, 1)

O discurso ao qual se refere o texto é, em grego, *lógos*, e ao longo do Livro I apresentará sempre a mesma acepção. O discurso conveniente de Jâmblico terá necessidade de reordenar, muitas vezes, as questões de Porfírio por conta de concepções equivocadas no entender do filósofo sírio. Equivocadas por apresentarem confusão na compreensão de determinadas concepções, as quais precisam ser revistas a partir de ângulos diferenciados de percepção, como o filosófico, o teúrgico, o teológico e, algumas vezes, pela combinação dessas diferentes abordagens.

A postura fica mais clara à medida que se avança na leitura do texto, especialmente do trecho a seguir, o qual corrobora a argumentação do parágrafo anterior:

Se apresentas uma pergunta filosófica, responder-te-emos também isso de acordo com as antigas tábuas de Hermes, as quais Platão e, antes, Pitágoras, que leram do princípio ao fim a filosofia, compartilharam, justificando as questões de outro tipo ou contraditórias e as que parecem irreconciliáveis, calma e equilibradamente, ou a estranheza delas indicaremos. E tantas quantas prosseguirem de acordo com as reflexões comuns, de maneira completamente inteligível e clara, tentaremos discutir. (P.M, LI, 1)

Ao enunciar as “tábuas de Hermes”, a voz argumentativa de *Sobre os mistérios* vincula sua argumentação tanto à filosofia, quanto aos mistérios iniciáticos, cujo simbolismo das tábuas de esmeralda

carregam. Nesse sentido, pode-se refletir a respeito da ideia de harmonização entre mistérios e todo o seu campo semântico – o qual pode incluir a magia teúrgica – e o pensamento racional, lógico, filosófico.

Após observarmos brevemente em quais campos semânticos a argumentação jambliqueana se inscreve, tomemos a maneira como, no primeiro livro, são tratados os gêneros superiores. A referência aos seres que habitam a esfera da superioridade, ou seja, que trazem algo do divino em sua constituição ou que são divindades propriamente ditas é feita em função da pergunta elaborada por Porfírio, abordada logo após a argumentação de defesa do *modus loquendi* adequado para cada tipo de questionamento a ser respondido.

A reação de Jâmblico ao primeiro questionamento realizado por Porfírio já introduz uma correção às aporias propostas pelo discípulo de Plotino:

Assim, primeiramente, dizes admitir que existem deuses. O que é dito, nesse caso, não é correto. O conhecimento natural, pois, a respeito dos deuses coexiste com nossa própria essência, é o mais importante de todo o julgamento e inclinação, antecede também o discurso e a demonstração. Foi unida, desde o princípio, de acordo com a causa própria, e foi chamada à existência junto com a tendência essencial da alma em direção ao bem. (P.M. L1, 3)

Interessante já a compreensão de que ninguém pode “admitir que existem deuses”, ou seja, a essência divina é algo que transcende o *lógos*, a demonstração por palavras, uma vez que nos compõe essencialmente. O humano tem ciência *ab initio* da existência divina, componente de seu ser, como se pode observar pela argumentação que segue:

Não se deve concordar, como se pudéssemos admiti-lo ou não admiti-lo, nem, do mesmo modo, considerar ambíguo (pois, na verdade, de maneira singular, sempre foi), nem assim convém examiná-lo, como se fossemos autoridades para julgar e contestar. Pois, sobretudo, estamos nele imersos e repletos dele, e porque somos isso, nisso podemos conhecer os deuses. (P.M. L1, 3)

Nesse sentido, nega-se a reflexão e a possibilidade de admitir algo, na medida em que esse processo apontaria para o conhecimento de algo que é outro em relação àquele que busca conhecer. Na divindade estamos imersos e dela repletos, não nos colocando como alteridade, mas como pertencentes a ela e parte integrante do divino, o que permite os conhecer.

Justamente, a voz argumentativa de *Sobre os mistérios* parte da discussão sobre a possibilidade de admitir a existência dos deuses para determinar qual o relacionamento que o humano tem com esses gêneros superiores, ou seja, determina-se um pressuposto fundamental para a sequência argumentativa construída na obra, um desenvolvimento necessariamente baseado na ideia que de há uma essência divina a habitar o humano e, sobretudo, que ela se torna conhecida por nós pertencermos, de algum modo, a ela.

O argumento em favor da essência continua para marcar uma condição *sine qua non* da argumentação jambliqueana: a essência, necessariamente divina, em que o discurso deve ser balizado, uma vez que a essência divina, por sua condição perene, entra em contraste e tem mais valor do que “a instabilidade e indefinição do quinhão humano”, necessariamente confuso em função de uma tendência ao dialogismo compensador e, não necessariamente verdadeiro. Jâmblico afirma a impossibilidade de compreensão dos *daímones*, dos heróis e das almas puras (classificados como gêneros superiores) através de artimanhas da argumentação, como se lê no seguinte trecho:

a alma humana, de modo semelhante, (não) deve unir-se ao conhecimento sobre eles por meio da imaginação, da opinião ou de algum silogismo, os quais se iniciam em algum momento no tempo. De algum modo, a essência pode investigar sobre todas essas coisas; (apenas) com pensamentos puros e irrepreensíveis, estando, por meio dos mesmos ligada a eles, compreende os deuses a partir do eterno. (P.M., L I, 3)

A essência divina, justamente por seu caráter eterno e estável, necessariamente se sobrepõe como meio de investigação de “todas as coisas”, opondo-se à efemeridade da *dóxa*, ou o engano do silogismo, finitos em seu início e fim.

Seguindo em sua argumentação para a compreensão do divino ou dos seres superiores, novamente afirma um modo diferenciado para se alcançar o conhecimento dos deuses, o qual sai da esfera das oposições e difere dos debates filosóficos. Cito: Pois, o conhecimento difere desses, sendo distinto de toda oposição, não se baseia no diferir agora ou no nascer, mas, a partir do eterno, é o único que, na alma, existe. O conhecer perene existe na alma humana e não pode ser conhecido pela diferença, mas segundo uma série de critérios de compreensão das particularidades de cada um dos gêneros superiores, como a essência, já mencionada, a potência e a energia.

Os argumentos demonstrados aqui apenas começar a ilustrar todo um processo de refutação, não apenas das ideias de Porfírio, mas das premissas falsas das quais suas aporias partem, algo evidente no

parágrafo seguinte de *Sobre os mistérios*, em que, após uma longa argumentação sobre a divisão das formas divinas superiores e intermediárias, o texto constata:

Demonstra-se, então, através dessas coisas, que é falsa uma tal divisão corporal. De certo modo, nada disso era necessário propor. Se, tendo estabelecido as mentiras como premissas, dispõe-se a destruir essas coisas¹² como não sendo verdadeiras. Uma vez que não há tal abundância de provas, mas, de maneira vã, alguém a si mesmo cansa, se tendo se proposto mentiras, tentar destruir esses¹³ como não verdadeiros. (P.M., L I, 8)

Sobretudo, as argumentações iniciais de Jâmblico, buscam demonstrar, em paralelo, a necessidade de se pensar nas resposta através de uma compreensão no ética, pela *dianóia* mencionada anteriormente no artigo, além da compreensão de uma presença divina que inunda a existência humana e oferece o conhecimento sobre o divino, tirando-o da esfera agonística dos silogismos, retomando, de certo modo, a ideia de uma verdade permanente e imperecível, que é sempre e difere da *doxa* e dos argumentos que nascem e morrem, na sua efemeridade.

Referências bibliográficas:

- AFONASIN, DILLON, FINAMORE (org.). *Iamblichus and the Foundations of Late Platonism*. Londres: Brill, 2012.
- DODDS, Theurgy and Its Relationship to Neoplatonism. In: *The Journal of Roman Studies*, Vol. 37, partes 1 e 2, 1947, pp.55-69.
- JÂMBLICO. *Perímysterion*. Atenas: Kaktos, 2005.
- _____. *Sobre os mistérios*, livro I (tradução para a língua portuguesa ainda não publicada).
- SMITH, Andrew. Iamblichus, the first philosopher of religion? In: *HABIS*, no. 31, p. 34-353, 2000.
- UZDAVINYS, Algis. *Philosophy and Theurgy in Late Antiquity*. San Raphael: Sophia Perennis, 2010 (Kindle).

NOTAS

¹O presente estudo é fruto de pesquisa realizada com o auxílio da FAPERJ, através do fomento APQ1, a qual tem por um dos escopos a tradução completa e comentada da obra de Jâmblico de Cálcis, *Sobre os mistérios*.

² Cf. SMITH, Andrew. Iamblichus, the first philosopher of religion? In: *HABIS*, no. 31, p. 34-353, 2000.

³C. Bigg (BIGG, 1895, p. 302), em livro de 1895, ataca de maneira veemente Jâmblico, indicando que a sua escola síria de filosofia estaria mais próxima de um pitagorismo enlouquecido, se desejássemos observar alguma afinidade com o pensamento grego.

⁴Cf. DODDS, Theurgy and Its Relationship to Neoplatonism. In: *The Journal of Roman Studies*, Vol. 37, partes 1 e 2, 1947, pp.55-69.

⁵A pesquisa a respeito do livro I de *Sobre os mistérios* fez parte de meu Pós-doutorado, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ, sob a supervisão da professora doutora Tania Martins Santos.

⁶A visão de Dodds a respeito de Jâmblico se insere em uma percepção tradicional do autor como uma espécie de "fraude" filosófica, mais interessado em exibições mágicas do que nos processos relevantes para o pensamento filosófico de sua época.

⁷Cf. AFONASIN, DILLON, FINAMORE (org.). *Iamblichus and the Foundations of Late Platonism*. Londres: Brill, 2012.

⁸UZDAVINYS, Algis. *Philosophy and Theurgy in Late Antiquity*. San Raphael: Sophia Perennis, 2010.

⁹Idem, posição 1609 (edição kindle).

¹⁰Idem, posição 1609 (edição kindle).

¹¹Tradução elaborada por mim. Todos os fragmentos da obra de Jâmblico que figurarem no presente artigo apresentarão minha tradução. O texto *Sobre os mistérios* será referido apenas pelas iniciais a partir de agora.

¹²Os princípios defendidos por Jâmblico.

¹³ Idem.